

Breve contribuição à história da psicologia aplicada ao trabalho no Rio de Janeiro

Brief contribution to the History of Psychology Applied to Work in Rio de Janeiro

Antônio Gomes Penna*

RESUMO:

Através da leitura crítica da primeira edição do texto “Ciências Sociais” de Lourenço Filho, pode-se tecer algumas considerações sobre o desenvolvimento da Psicologia Aplicada ao trabalho no Rio de Janeiro. No entanto, para se falar na implementação deste campo, é necessário mencionar o pioneirismo dos estados de Minas Gerais e São Paulo, assim como a contribuição de engenheiros e administradores. Neste cenário, destaca-se a atuação de profissionais como Roberto Mange, Léon Walther, Otávio Martins, Mira y López e em especial o psicólogo Waclaw Radecki, cujo Laboratório de Psicologia Experimental origina o Instituto de Psicologia. Outro importante nome é o do professor Etienne Souriau, responsável pelo curso em Psicologia Aplicada ao Trabalho, parte constituinte da disciplina 'Psicologia e Filosofia' da Universidade do Distrito Federal.

Palavras-Chaves: História da Psicologia Aplicada ao Trabalho; pioneirismo; Universidade do Distrito Federal

ABSTRACT:

Through a critical reading of the first edition of 'Social Sciences' by Lourenço Filho, it is possible to understand the development of Psychology Applied to Work in Rio de Janeiro. Nevertheless, to talk about this field implementation, it is necessary to mention the pionerism of two other Brazilian States: Minas Gerais and São Paulo; and also the contribution of engineers and administrators. In this scenery, professionals as Roberto Mange, Léon Walther, Otávio Martins, Mira y López and specially of the psychologist Waclaw Radeki are highlighted. Radekis' Experimental Psychology Laboratory originated the Psychology Institute. Another important name is Professor Etienne Souriau, responsible for a course in Psychology Applied to Work, which was part of the subject 'Psychology and Philosophy' of the Federal District University. **Key-words:** History of Psychology Applied to Work, pionerism, Brazil Federal District University

O fato de restringir-me neste texto a considerações sobre o desenvolvimento da Psicologia aplicada ao trabalho, no Rio de Janeiro, não excluirá uma breve referência ao pioneirismo que, nesta área, se registra em São Paulo, graças ao notável descortínio de Roberto Mange. Uma curta referência ao que ocorreu em Minas Gerais certamente deverá ganhar também algum espaço. Não tenho, entretanto, a pretensão de registrar o que se produziu em outros Estados, e fica, assim, justificado o título que escolhi para este estudo. Ressalto, ainda, que me centrarei principalmente no período anterior à lei de 27 de agosto de 1962. Referências possíveis podem incidir sobre episódios posteriores. Serão, todavia, muito limitadas. Mantenho-me, assim, coerente com o que registrei em minha “História da Psicologia no Rio de Janeiro” (1992) quando, por igual, busquei fixar-me no período que precedeu a citada lei. Também nesse texto, avancei um pouco sobre o que aconteceu após 1962. O avanço, todavia, justificou-se pela preocupação de registrar o espaço que a psicologia ocupava na antiga Universidade do Brasil e registrar a histórica criação do Departamento de Psicologia, em 1964, na Faculdade Nacional de Filosofia, cuja chefia assumi, nela me mantendo até 1967, quando da extinção da Faculdade e transferência do curso de Psicologia para o Instituto de Psicologia, até então apenas um órgão de apoio - como sempre foram os Institutos de Psiquiatria, de Neurologia, etc. Vale o registro de que, para a elaboração deste estudo, benefico-me, em grande parte, do magnífico texto do Professor Lourenço Filho, publicado pela primeira vez

em São Paulo, pela Melhoramentos, na coletânea intitulada “Ciências Sociais no Brasil”, por iniciativa de Leonídio Ribeiro e apoio da Fundação Larragoite, e reproduzido em 1971 no vol. 23, 3, de 1971 dos “Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada”. Nele, o grande mestre dedica duas páginas à “Contribuição de Engenheiros e Administradores” para o processo de implantação da Psicologia Aplicada ao Trabalho em nosso país. Escreve: “Os primeiros estudos e realizações provindos desse setor são devidos a Roberto Mange (1885), professor da Escola Politécnica de São Paulo, que, já em 1924, ensaiava as provas de Giese em candidatos à matrícula nos cursos de mecânica do Liceu de Artes e Ofícios dessa capital, logo aplicadas também a aprendizes ferroviários, em oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Estrada de Ferro Sorocaba. De uma parte, os trabalhos de Mange concorreram para a criação, em São Paulo, do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), de que, com outros engenheiros e educadores foi um dos fundadores; de outra, para o estabelecimento de vários centros de seleção de ferroviários, que mais tarde se coordenariam pela Comissão de Psicotécnica da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária. Essa Comissão compunha-se, em 1949, de Roberto Mange, Pelágio Rodrigues dos Santos, José Moacir Andrade Sobrinho, Ítalo Bologna e Victor R. de Gouveia. Em 1942, Mange é chamado a organizar e dirigir o departamento regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em São Paulo, onde então congrega ativo grupo de trabalhadores da psicologia: Ítalo Bologna, Oswaldo de Barros, Valter Barioni, Néelson Campos Pires, Joaquim Machado de Melo e Jason Ribeiro da Silva, e, mais tarde, os especialistas estrangeiros Robert Veit e Betti Katzenstein.” (ABPA, 1971, p. 128).

Uma rápida referência ao movimento que se registra em Minas Gerais aponta para a presença de Léon Walther que, em 1929, colaborou no trabalho realizado por Th. Simon na fase inicial do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, cuja direção, logo adiante, foi entregue a Helena Antipoff. Importa ressaltar que, ao contrário de Helena Antipoff e de Th. Simon, Léon Walther era um especialista em psicotécnica - tendo sido, mesmo, o primeiro graduado nessa especialidade pelo Instituto J. J. Rousseau, fundado por Claparède em 1912, como instituição autônoma, mas vinculada à Universidade de Génève -, tornando-se, logo adiante, professor da instituição em que estudou, conforme registra Pierre Bovet, na obra intitulada, em sua versão espanhola, “La obra del Instituto J. J. Rousseau”. Vale assinalar que Léon Walther retornou ao Brasil em 1949, quando instalou, no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, o serviço de psicotécnica, continuado, logo em seguida, por seu discípulo Pierre Weil e, ainda, por engenheiros, como Maurício de Carvalho, médicos, como RaulLellis e educadores, como Jacir Maia e Otacílio Rainho. Registre-se que esse serviço foi implantado por Léon Walther, já no Rio de Janeiro.

Conforme ainda escreve Lourenço Filho, “o movimento de seleção profissional vem a alcançar o serviço público civil federal, já em 1936, através da Comissão de Serviço Público Civil, que contou com a colaboração de outro engenheiro, não por si cultor da psicologia, mas entusiasta da sua aplicação, João Carlos Vital. Organizado o Departamento Administrativo do Serviço Público em 1938, é aí instalada uma Divisão de Seleção, que passa a ser dirigida pelo engenheiro Mário Paulo de Brito e, depois, pelo antigo auxiliar do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Murilo Braga. Na Estrada de Ferro Central do Brasil, organiza-se, em 1939, na administração do engenheiro Waldemar Luz, um Serviço de Seleção Profissional. A Serviço similar instalado na administração nacional do SENAI, é chamado a colaborar outro engenheiro, com estudos especializados em educação, Otávio Martins, que,

mais tarde, se especializou com Thurstone, em Chicago, e realizou no país as primeiras aplicações do método de análise multifatorial” (ABPA, 1971).

É nessa altura que Lourenço Filho abre espaço para analisar o papel desempenhado por E. Mira y López, não sem antes fazer uma brevíssima referência ao trabalho realizado, em São Paulo, por Mário Wagner Vieira da Cunha, e, em especial, por Raul de Moraes. O trecho dedicado a Mira y López é, todavia, o principal. Curiosamente, não aparece aí o nome de João Carlos Vital que, na realidade, foi o inspirador do ISOP e seu Presidente, cargo que ocupou até sua morte. De qualquer modo, o organizador e diretor desse Instituto, integrante da Fundação Getúlio Vargas, foi, efetivamente, o ilustre psiquiatra espanhol e ex-professor da Universidade de Barcelona. Seu trabalho, que se estendeu de 1947 até 1964, quando faleceu, foi, sem nenhuma dúvida, de excepcional relevância. De modo algum lhe coube, contudo, introduzir a Psicologia Aplicada no Brasil. Penso que jamais reivindicou essa condição. Muitos, anteriormente, como tive ocasião de apontar, e outros aos quais darei espaço mais adiante, anteciparam-se ao grande especialista que organizou e fez do ISOP uma instituição modelar. Sobre o papel desempenhado pelo ISOP, escreve Lourenço Filho: “O ISOP, que é a mais ampla organização até agora criada no Brasil no domínio da orientação e seleção, possui duas dezenas de técnicos e auxiliares (obviamente à época em que redigiu seu texto eram duas dezenas), entre médicos, psicologistas e estatísticos, e está aberto ao público para exame de orientação educacional e profissional; realiza, à requisição de empresas, serviços de seleção de pessoal, e vem-se incumbindo dos exames psicotécnicos dos condutores de veículos do Rio de Janeiro. Periodicamente, organiza cursos para preparação de técnicos em vários ramos; também desenvolve pesquisas de considerável valor. Numerosos psicologistas aí têm trabalhado, como Euríalo Canabrava, Glória Quintela, Ofélia Boisson Cardoso, Dora de Barros Cullinan, Carmen Alonso, Inês Besouchet, Cinira Menezes, Leonilda Braga, Edwiges Florence, José da Silveira Pontual, J. Andrade Sobrinho, Alfredo Oliveira Pereira, Francisco Campos, Fernando de Villemor do Amaral. A Canabrava se devem os primeiros estudos, no país, de associação da lógica matemática à mensuração dos fatores psíquicos” (ABPA, 1971). Claro que Lourenço Filho aponta para os primeiros colaboradores de Mira y López, exatamente aqueles que podiam ser mencionados à época em que redigiu seu texto. Muitos outros, todavia, vieram a se integrar na equipe do ISOP, como por exemplo Eliezer Schneider, que já participava dos quadros do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil desde 1941, já era portador do título de Mestre em Psicologia pela Universidade de Iowa, de fato obtido por volta de 1946, e autor de um texto sobre “Seleção e Orientação profissional”, publicado nas “Monografias Psicológicas” editadas pelo Instituto de Psicologia e dedicado, inclusive, ao Prof. Nilton Campos; Maria Helena Novaes Mira, que se destacou por sua vasta relação de trabalhos publicados; Ruth Schaeffer, ilustre especialista em aconselhamento psicológico e que chegou a dirigir a instituição após o falecimento do Professor Mira y López; Fanny Tchaikowski, renomada especialista em psicologia organizacional; Franco Lo Presti Seminério, que, posteriormente, veio a assumir a direção do ISOP e hoje professor emérito do IP/UFRJ; Carlos Cavalieri, que, juntamente com mais alguns colegas, como Wilma Torres, foram meus alunos na Faculdade Nacional de Filosofia; e, ainda, a ilustre Professora da PUC/RJ, Monique Augras, grande especialista em Psicologia da Cultura. Obviamente, a lista não está completa. Muitos outros nomes ilustres nela deveriam estar citados. Menciono, ainda, Athayde Ribeiro, de resto grande colaborador do Professor E. Mira y López no trabalho de preparação psicológica da seleção de futebol que conquistou o bicampeonato mundial, no Chile; Elzo Arruda, psiquiatra ilustre e,

posteriormente, Diretor do Instituto de Psicologia; e poderia incluir outros que no momento me escapam, mas, obviamente tiveram papel destacado na instituição a que pertenciam. Penso que o trabalho realizado por Mira y López foi indiscutivelmente notável e ressaltou sua capacidade de preparar discípulos que sempre lhe permaneceram fiéis. Infelizmente, não tive oportunidade de me aproximar do ilustre mestre. Discípulo e assistente de Nilton Campos, não me poderia sentir à vontade buscando qualquer aproximação, na medida em que Nilton e Mira y López nunca tiveram boas relações. De resto, curiosamente, Mira y López nunca recebeu boa acolhida dos meios universitários. Nunca sequer foi convidado para fazer conferências, quer na FNF, quer no Instituto de Psiquiatria. Na FNF, inclusive, espantou-me não ter sido jamais convidado por Lourenço Filho, que tinha com o mestre espanhol um bom relacionamento, tendo, inclusive, prefaciado um de seus livros. Mesmo o seu diploma de médico-psiquiatra nunca chegou a ser revalidado. Excluo a hipótese de vigilância ideológica e a excluo na medida em que um texto seu, sobre Psicologia militar, foi editado pela Biblioteca Militar. Sobre Mira y López escrevi recentemente um texto, atendendo, inclusive, à sugestão de meus amigos, professores Hélio Carpintero, professor da Universidade Complutense de Madrid, e Hugo Klapenbach, professor da Universidade de San Luis, na Argentina. Esse texto ainda não foi publicado. Para encerrarmos este tópico recordo, ainda, duas importantíssimas contribuições que devemos a Mira y López. Refiro-me à criação dos “Arquivos Brasileiros de Psicotécnica” posteriormente convertido nos “Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada” e a fundação da “Associação Brasileira de Psicotécnica”, também convertida em “Associação Brasileira de Psicologia Aplicada”.

Refazendo a história da psicologia aplicada ao trabalho, recuo no tempo e retorno à década de vinte para efeito de pôr em relevo a grande contribuição de Waclaw Radecki. Polonês, ex-catedrático de Psicologia da Universidade de Varsóvia, ex-chefe do laboratório de Psicologia Experimental e ex-assistente de Claparède na Universidade de Génève, ao tempo em que lá também trabalhava Helena Antipoff, Radecki foi, para a Psicologia científica no Brasil, possivelmente, a figura mais importante. Particularmente para o Instituto de Psicologia, cujas raízes se prendem ao célebre Laboratório de Psicologia Experimental que organizou e dirigiu desde 1923 (data citada por Lourenço Filho), ou 1924/5, como depoimentos pessoais me afirmaram, na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, quando era seu diretor o ilustre médico Gustavo Riedel. Conta-se que sua contratação se deu por acaso. Tendo emigrado para o Brasil e se radicado no Paraná, onde a colônia polonesa era bastante significativa, excelente músico e organizador de um quarteto de cordas, tendo vindo ao Rio em viagem turística, descobriu o clássico texto de Manoel Bomfim “Pensar e Dizer”. Encantou-se com o livro e procurou contatos. Foi dessa forma que descobriram seu passado (na época, bem recente) de psicólogo e foi em função dessa descoberta que o levaram para a Colônia. Logo contratado, juntamente com sua esposa Halina Radecka, iniciou Radecki a montagem do Laboratório, ele próprio, bom marceneiro, construindo alguns dos aparelhos que seriam utilizados em suas pesquisas. Um deles, o relógio de aferição de tempo de reação, eu ainda utilizei na década de quarenta e permanece, hoje, como peça integrante do museu do Instituto de Psicologia. Com uma belíssima cultura, Radecki nos deixou um excelente Tratado de Psicologia, de resto resultante de um curso que deu para os médicos que estavam lotados na Colônia e para os médicos militares, tendo o livro sido editado pela Imprensa Militar. Guardo um exemplar em minha biblioteca, adquirido em um livraria de livros usados e com dedicatória para um ilustre médico que já falecera. Penso que é uma preciosidade e ainda me encanta o capítulo que dedicou ao estudo do pensamento e, em especial, ao tratamento dado à formação de conceitos e emissão de juízos. Nilton Campos, lotado,

como psiquiatra, na Colônia, foi, certamente, seu primeiro assistente. Jayme Grabois integrou-se ao grupo bem mais tarde. Do grupo, faziam parte Euríalo Canabrava, especialista em filosofia analítica, Edgard Sanchez, professor de Filosofia do Direito e Economia Política, Gustavo de Rezende, psiquiatra, Antonio de Bulhões Pedreira, e os médicos militares Arauld Brêtas, Ubirajara de Rocha e Alberto Moore. Ressalto que a presença dos médicos militares objetivava sua preparação para promoverem a primeira seleção de pilotos militares, numa época bem anterior à criação da Aeronáutica. Coube a Radecki a preparação dos testes que efetivamente foram aplicados e penso que tenha sido essa a primeira aplicação de provas seletivas na área militar. Sobre as pesquisas experimentais realizados no Laboratório e sobre a tentativa de promover-se o primeiro curso de formação de psicólogos, em 1932, recomendo a leitura do segundo capítulo da “História da Psicologia no Rio de Janeiro”. Todavia, não custa recordar que foi a partir do Laboratório de Radecki que se criou o Instituto de Psicologia, inicialmente vinculado ao Ministério da Saúde e, mais tarde, incorporado à Universidade do Brasil, como órgão suplementar. Vale o registro de que o médico militar Arauld Brêtas integrou a equipe de Mira y López, participando da fase inicial do ISOP, juntamente com Euríalo Canabrava.

Um momento histórico significativo geralmente não evocado quando se fala de Psicologia aplicada ao trabalho surge com a fundação, por Anísio Teixeira, da Universidade do Distrito Federal, no notável governo de Pedro Ernesto, do qual Anísio fazia parte como Secretário de Educação. Criada pelo decreto municipal 5.513 de 4 de abril de 1935, teve como Reitor o Dr. Afonso Penna Junior e como Vice-Reitor, o Prof. Lourenço Filho, também assumindo a direção do Instituto de Educação, no qual se pretendia promover a formação de professores do segundo grau. Na verdade, integrava-se no Instituto de Educação uma verdadeira Faculdade de Pedagogia. O que marcou bem essa Universidade foi a contratação de professores estrangeiros e, neste texto, cabe que se ponha em relevo um deles, pelo significado de que historicamente se dota. Refiro-me ao Prof. Etienne Souriau. Efetivamente considerado grande especialista em Estética, a ele foi entregue uma cadeira que lhe impunha, também, a obrigação de dar cursos de psicologia. Pois, na relação dos cursos e dos programas a serem seguidos na Universidade, registra-se o da disciplina “Psicologia e Filosofia”. Dividido em duas partes, a primeira era dedicada à “Psicologia, Sociologia e Filosofia do sentimento estético e das atividades artísticas.” Compunha-se de cinco tópicos. O conteúdo desses tópicos pouco interessa neste texto. Interessa, contudo, a segunda parte, de fato dedicada à Psicologia do Trabalho. Constituída de quatro tópicos, sempre me pareceu muito fraco. Penso que, a essa altura (1935/6), qualquer um dos seguidores dos cursos de Radecki poderia sair-se melhor. Por certo, era a Estética a área nobre de Souriau. Nela ganhou, efetivamente, grande relevo na filosofia francesa. Mesmo na Psicologia, chegou a produzir trabalhos significativos. Não, contudo, no domínio da Psicologia aplicada ao trabalho. Pelo menos é o que se depreende de seu programa. Vale reproduzi-lo: “1) A ação espontânea: tropismos, reflexos, instintos, hábitos. A invenção da ação e os comportamentos fixos. A indústria animal. Inteligência prática no animal e no homem. Principais diferenças entre a inteligência animal e a inteligência humana. A atividade espontânea infantil.; 2) A ação voluntária. A vontade, o livre arbítrio. Finalização da ação: a falência e o êxito. A organização da ação: esforço fisiológico, esforço intelectual e esforço moral. A qualidade do trabalho. Capacidade de atenção, capacidade de invenção; 3) Os móveis da ação. As tendências, exigências, desejos, sentimentos, paixões, os pensamentos dinamogênicos. A dissolução dos poderes de ação: a fadiga, tédio, recalçamento, desmoralização. A técnica do comando. A técnica do repouso; 4) Os motivos da ação. Motivação consciente e inconsciente. As espécies

psicológicas de trabalho. Trabalho especializado: aptidões e vocações. Ação pessoal, ação coletiva, ação unânime. Psicologia da cooperação”. Suspeito que lhe tenham imposto a tarefa de dar um curso nessa área. Efetivamente, não era domínio seu. Em contrapartida, suponho que o de Estética tenha agradado bastante, pois, nesse domínio, sua competência era inquestionável. Fato idêntico registrou-se, de resto, com Artur Ramos. Seu curso de Psicologia Social certamente não terá agradado. Bem diferente o texto que publicou no ano seguinte. De qualquer modo, o registro do curso de Souriau justifica-se. Penso que no Rio, pelo menos, terá sido o primeiro curso universitário sobre a matéria. Possivelmente dois autores, com trabalhos publicados alguns anos depois, revelaram melhor formação na área. Refiro-me ao médico Raul Rocha que, em 1940, publicou um bom texto intitulado “Assistência psicotécnica”, lançado através da Companhia Editora Nacional e marcado por boas ilustrações de aparelhos utilizáveis em exames psicotécnicos. O texto foi prefaciado por Henrique Roxo, psiquiatra e diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Pouco depois, em 1944, não obstante ter sido redigido uns dois anos antes, surgiu outro texto, também pioneiro, este de autoria do tenente da Marinha Raul Mendes Jorge. Claro que a essa altura já estava traduzida e publicada pela Melhoramentos a “Tecno-psicologia do trabalho industrial” de Léon Walther que, de resto, em sua passagem por Belo Horizonte, em 1929, já havia dado algumas conferências, juntamente com Simon, sem grandes resultados. No entanto, na mesma época, realizou excelentes conferências em São Paulo. Penso que a título de introdução ao estudo desse período, as informações que aqui registro valem, pelo menos, como incentivo a estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAIS DA COLÔNIA DE PSICOPATAS NO ENGENHO DE DENTRO. Rio de Janeiro, intitulado “Trabalhos de Psicologia, direção do Professor Waclaw Radecki, 1928.
- ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA. Número em Homenagem ao Professor E. Mira y López. Rio de Janeiro: FGV/ISOP, 1964.
- BOVET, Pierre - *La obra del Instituto J. J. Rousseau*. Madri: Espasa/Calpe, 1934.
- MENDES JORGE, Raul - *A Psicotécnica e a Marinha*. Rio de Janeiro: Ministério de Marinha, Imprensa Naval, 1944.
- PENNA, Antônio Gomes - *História da Psicologia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- ROCHA, Raul - *Assistência Psicotécnica*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940 - prefácio do Professor Henrique Roxo.
- WALTHER, Léon - *Tecno-psicologia do trabalho industrial*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1932.

* Professor Emérito do Instituto de Psicologia da UFRJ.